

O discurso político

Florestan Fernandes

Há quem diga que a política é a arte de esconder o pensamento. A retórica se esclarece pelo seu avesso. No entanto, o precário equilíbrio do Estado de transição prolongada rasga um novo veio. A política aparece como um jogo de esconde-esconde. Os amigos praticam trocas de floreios verbais com a mesma galantaria que os melhores cavaleiros exibiam sua destreza e desprendimento, segundo Georges Duby. Ninguém quer se ferir. Apenas tomar a montaria e o equipamento do adversário. Desapeá-lo. Pô-lo a correr. Os que assistem ao espetáculo, de perto ou de longe, divertem-se e podem até participar de um festim ou de acontecimentos inesquecíveis. Caracteriza-se, assim, a política como a arte de ocultar a luta. O discurso ganha o centro da cena e vence quem souber colocar com maior graça e requinte o mundo de cabeça para baixo.

No dia 26 de julho o senhor Presidente falou. Sobrecarregou a constituição nascente com os pecados originais que ela carrega por sina própria, por ser filha de uma maioria parlamentar conservadora, aliada do Governo e pouco sensível ao «tudo pelo social», que ele professa mas renega. E acrescentou a esses pecados outros que os moralistas de antanho atribuiriam à corrupção do poder absoluto, de que dispõe o governo, mas não os Constituintes. Uma arenga notável, que evoca um desdobramento de personalidade: na mesma pessoa estão contidos o senhor Presidente e o parlamentar que o desovou. Homem de letras e imortal, ele assinalou sua condição psicológica de duplo e por aí chegou à raiz de todos os males. A Constituição que ainda está sendo gestada tornará o País ingovernável e insolvente. É seu dever, como Presidente de extração parlamentar erguer o véu da verdade e descobrir à Nação que ela acarreta o caos, como

escritor inventivo, ele prestou um serviço à ditadura e outro à «nova» república, as quais vêm transferidas para a Constituição o trauma da separação e do luto.

No dia 27 de julho a resposta veio como uma reflexão política sobre os odores. O ilustre presidente da Assembléia Nacional Constituinte repudiou a duplicidade do duplo com elegância erudita. Lembrou Camões mas ignorou olímpicamente as desilusões constitucionais do senhor Presidente e do seu séquito empresarial-militar. Na verdade, raptou a noiva sob o nariz do noivo, acrescentando ao feito uma profissão de fé na coragem dos constituintes e no «cheiro de amanhã» da constituição. Refulgou o que nos velhos tempos se chamou de «bofetada com luva de pelica» e ressoou no plenário a voz esquecida do homem que liderou a «oposição consentida» e deu o bote das «diretas já». Ulysses Guimarães voltou aos dias de glória, aplaudido freneticamente, algumas vezes de pé, por seguidores fiéis e por constituintes que bebiam suas palavras serenas mas contundentes como uma catarse tardia e provavelmente efêmera.

O discurso político é o elemento nuclear desse confronto de situações e de personagens. A ANC chega ao fim. A Aliança Democrática espatifou-se, politicamente virgem, publicamente comprometida com a prevaricação, o imobilismo e a irresponsabilidade da transição «democrática» permanente. O significado dos dois discursos poderia ser o mesmo. No entanto, um carrega dentro de si a podridão da herança da ditadura e da continuidade da «conciliação conservadora» e do seu cronograma político-militar de liberalização gradual, lenta e segura, inerente à metamorfose da ditadura em «nova» república. O outro retoma, de relance, timidamente, a ruptura que não deveria ter sido interrompida em 1984,

através de uma composição de cúpula. Um discurso responde ao outro, como se não o quisessem fazer. As circunstâncias, porém, exigem que a ruptura abalada irrompa à luz do dia, com uma força arrasadora.

Obra de profissional, o segundo discurso pretende-se discreto na forma e no conteúdo. Contudo, a situação determinou a sua dimensão exata. O outro, apequenou-se e sumiu, sem ressonância. O último, ganha peso e influência. ao encerrar-se, a ANC não arrebitou apenas a Aliança Democrática. Ela forçou o PMDB e o PFL a caminharem sobre o fio da navalha e a fragmentarem-se. Obrigou o Governo a tirar a máscara. Pôs no centro do palco o agente histórico mantido antes em plano obscuro e relegado, as classes subalternas, excluídas e trabalhadores. Trata-se da massa popular, que não entrou tão livremente na ANC como menciona o Sr. Ulysses Guimarães. O fato é que o imenso substrato da sociedade civil está farto de presditigação política e quer ouvir um discurso que retrate os seus dilemas sociais e equacione as soluções. Esse discurso ainda não explodiu nas praças públicas. Mas ele está maduro na cabeça do povo e terá de definir-se, ultrapassando os «erros» e superando os «avanços» da Constituição. É desse modo que ela poderá desencadear a revolução política à qual os constituintes não souberam responder. Caminhamos na direção de um novo tipo de democracia, que combine liberdade com igualdade e fraternidade humana. A Constituição ainda não passa de um prelúdio, de um fraco impulso qualitativo. todavia, desponta como uma promessa, o que impôs os dois discursos, com as opções correspondentes em choque frontal.

□ Florestan Fernandes é sociólogo e deputado federal (PT-SP)